

# Os moldes de conteúdo na oração relativa

(Information packaging in the relative clause)

Aliana Lopes Câmara<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas –  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)

aliana.precioso@gmail.com

**Abstract:** This article is based on Functional Discourse Grammar (FDG) framework and aims to describe the constituent ordering of the relative clause in Portuguese, according the way the Speaker wraps his/her message in order to reach certain goals he/she has in mind in the interaction, namely,thetic, categorical and presentative modes.

**Keywords:** constituent order; information packaging; relative clause.

**Resumo:** Este trabalho, que tem como arcabouço teórico a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), propõe um estudo da ordem dos constituintes da oração relativa na lusofonia, segundo o modo como o Falante empacota sua mensagem para atingir os objetivos que tem em mente no momento da interação, a saber, os moldes tético, categorial e apresentacional.

**Palavras-chave:** ordem dos constituintes; moldes de conteúdo; oração relativa.

## Palavras iniciais

Em termos tipológicos, é muito difícil encontrar línguas, como o holandês, em que os padrões de ordenação dos constituintes das orações subordinadas diferem daqueles disponíveis para a oração independente. As sentenças em (01) e (02) exemplificam, respectivamente, uma oração independente e uma oração subordinada em holandês.

(01) Ik heb gisterem het boek aan het meisje gegeven  
Eu ter.PRS.1.SG ontem DEF livro para DEF garota dar.PTCP  
'Eu dei o livro para a garota ontem' (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 356)

(02) dat ik gisteren het boek aan het meisje gegeven heb  
CONJ eu.NOM ontem DEF livro para DEF garota dar.PTCP ter.PRS.1.SG  
'que eu dei o livro para a garota ontem' (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 355)

Nas orações independentes, há uma posição especial P<sup>2</sup>, que é obrigatoriamente preenchida pelo verbo finito, o que difere do padrão de ordenação das orações dependentes em que P<sup>2</sup> é preenchida pelo sujeito levando o verbo finito para a posição final da oração, onde forma um constituinte único com o verbo principal. Em português, por outro lado, a inserção da conjunção ou do pronome relativo na posição inicial da oração dependente leva todos os outros constituintes oracionais a serem posicionados à direita da conjunção e do pronome, sem que nenhum deles permaneça em uma posição obrigatória.

Apesar de a oração relativa apresentar padrões de ordenação semelhantes aos da oração independente, defende-se, neste trabalho, que ela é escolhida pelo Falante a partir de moldes de conteúdo específicos, com a intenção de atingir certos objetivos comunicativos.

Isso quer dizer que, ao escolher o modo como irá empacotar sua mensagem, o Falante considera a informação pragmática que pressupõe estar na mente do Ouvinte. O objetivo aqui é determinar quais os moldes de conteúdo em que a oração relativa pode ser formulada e com que objetivos são escolhidos pelo Falante.

Para tanto, na próxima seção, mostra-se como as tradicionais orações relativas restritivas e não restritivas são tratadas pela Gramática Discursivo-Funcional (GDF), propondo-se um terceiro tipo de relativa. A seguir, definem-se alguns conceitos que são centrais aqui, tais como: funções pragmáticas; Tópico, Foco; moldes de conteúdo tético, apresentativo e categorial; e, na terceira seção, propõe-se uma análise da ordem na oração relativa.

Para isso, utiliza-se, nesta pesquisa de cunho qualitativo, o corpus Português Falado, produzido pelo Projeto Português Falado, Variedades Geográficas e Sociais, coordenado pelo CLUL (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa), realizado em parceria com as Universidades de Toulouse-le-Mirail e de Provence Aix-Marseille, e representativo de todas as variedades oficiais da língua portuguesa falada.

## **Uma análise discursivo-funcional das orações relativas em português**

As orações adjetivas têm sido tradicionalmente definidas, sobretudo, a partir de critérios semânticos como (i) explicativa: acrescenta uma qualidade acessória ao antecedente, esclarecendo seu significado tal como faz o aposto; e (ii) restritiva: restringe, delimita o significado do antecedente a que se refere (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 618). Neste trabalho, defende-se que apenas a oração restritiva é formulada semanticamente como um modificador, enquanto a não restritiva é formulada pragmaticamente.

O arcabouço teórico da GDF permite diferenciar mais adequadamente os tipos de oração relativa, pois considera a gramática como constituída de quatro níveis de análise: interpessoal, representacional, morfossintático e fonológico, organizados de maneira descendente, o que significa que as intenções comunicativas do Falante são processadas em direção à articulação linguística. A organização descendente implica a existência de uma hierarquia entre os componentes gramaticais, em que os do nível mais alto governam os dos níveis mais baixos, na seguinte direção: a pragmática determina a semântica, ambas determinam a morfossintaxe, e as três determinam a fonologia. Esses vários níveis de organização estão relacionados entre si por meio de regras de Formulação e Codificação numa implementação dinâmica da gramática. A operação de Formulação abriga as regras que determinam o que constitui a representação pragmática e semântica subjacente na língua; enquanto a operação de codificação envolve regras que convertem a representação pragmática e semântica em representações morfológicas e fonológicas.

Considerando a organização da GDF, propõe-se a existência de três tipos de orações relativas:

(i) Relativa Discursiva,<sup>1</sup> que é formulada no Nível Interpessoal e consiste em um Movimento em relação de dependência pragmática com outros Movimentos no discurso, ou seja, é uma oração relativa que se refere a porções textuais, tal como exemplificado em (03). O Movimento é definido por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 50) como uma

<sup>1</sup> Cf. proposta similar apresentada por Stassi-Sé (2012) para as orações adverbiais.

contribuição autônoma para a interação em andamento, isso significa que tem efeito perlocucionário, podendo provocar a reação do interlocutor (uma resposta para uma questão, uma objeção a um argumento etc.).

- (03) – tem uma certa liberdade ali de brincar, tudo. acho que deveria ter um pouco mais de respeito da parte dos aluno. isso deveria, que eles a[...], eles confundem muito liberdade com, tem uns que é meio selvagem ali, sabe, é o termo certo de usar, porque de vez em quando o que acontece é uma selvajaria, mas é legal sim.
- então há **esse negócio de liberdade**, não é, **que você está falando...**
- hum, hum. tem que dar liberdade mas ao mesmo tempo tem o respeito. isso daí tem que partir dos próprios alunos, não é (Bra93:FestaEstudante:l.94)

A oração relativa *que você está falando* se refere a uma porção textual maior, que consiste em um Movimento (atente-se para o uso do verbo *falar*, que metalinguisticamente remete ao próprio discurso). A locutora usa a construção relativa para sinalizar à sua interlocutora que deseja que ela continue falando sobre *a liberdade no relacionamento entre professores e alunos*. Isso significa que o enunciado não focaliza o conteúdo que vem sendo desenvolvido, mas o próprio interlocutor, ou seja, trata-se de um Movimento em reação aos outros Movimentos referidos anteriormente no diálogo. A construção *que você está falando* serve para monitorar a interação, desempenhando a função interacional Resgate, assim descrita por Stassi-Sé (2012, p. 184):

A Função Resgate envolve Movimentos usados para evocar uma informação já compartilhada em algum outro momento do desenvolvimento discursivo, tendo assim a função de lembrar o ouvinte ou resgatar de sua memória informações já apresentadas [...].

A função Resgate atua no *monitoramento* da interação, situando os participantes da interação diante das informações dadas no discurso, inserindo material linguístico de âmbito mais restrito, como se percebe pelo uso de verbos *dicendi*, acrescentando à interação “contribuições que mostram a preocupação do Falante com o domínio que o interlocutor consegue ter dos temas que se desenvolvem no discurso” (STASSI-SÉ, 2012, p. 147-148). Esse tipo de construção assemelha-se a um parêntese, cuja função é levar o Ouvinte a acessar informação disponível no Contexto Discursivo.

(ii) Relativa não restritiva: é formulada no Nível Interpessoal e estabelece um tipo de dependência entre um Ato Nuclear (a oração principal) e um Ato Subsidiário (a oração não restritiva). Isso significa que a própria oração relativa consiste em um Ato Discursivo, o que é comprovado pelo fato de (i) permitir modificadores ilocucionários; e (ii) ter contorno entonacional e *status* ilocucionário independentes da Oração Principal (CAMACHO, 2012). A esse respeito, considerem-se os exemplos a seguir:

- (04) e **Camilo**, segundo dizem, **que *infelizmente andava sempre a pedir dinheiro emprestado***, bateu à porta dessa referida quinta.
- (05) **Camilo** ( $R_p, x_i$ ), **que** ( $R_p, x_i$ ) ***andava sempre a pedir dinheiro emprestado***, bateu à porta dessa referida quinta?

Em (04), há uma oração não restritiva, que, no Nível Interpessoal, é um Ato Discursivo Subsidiário, o que se comprova pela possibilidade de se inserir o modificador ilocucionário *infelizmente*. Isso não seria possível se a oração estivesse no Nível Representacional.

Além disso, a relativa não restritiva é pronunciada com tessitura mais baixa e velocidade mais rápida com relação ao contexto em que se insere. Em (05), a oração principal tem ilocução interrogativa, enquanto a relativa é declarativa, comprovando que são dois Atos Discursivos em relação de dependência.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 58), a oração não restritiva tem função retórica Aposição, pois fornece informação de fundo com relação ao Indivíduo referido na Oração Principal. Além disso, os Conteúdos Comunicados de ambos os Atos apresentam um Subato Referencial com índice próprio ( $R_i$ ,  $R_j$ ), que evoca a mesma entidade ( $x_i$ ) no Nível Representacional, conforme exemplo (05). Isso quer dizer que a função do pronome relativo é estabelecer uma relação de coindexação com o nome-núcleo da oração principal. De fato, é a presença de um Subato Referencial cuja contraparte é coindexada no Nível Representacional que provoca a escolha de um pronome relativo.

(iii) Relativa restritiva: é formulada semanticamente como modificador de um núcleo nominal, que pode ser representativo de qualquer categoria semântica (Indivíduo, Tempo, Estado de Coisas, Conteúdo Proposicional, Episódio, Propriedade Lexical, Localização, Quantidade e Razão).

- (06) pois! no meu caso, que estou no jornal, claro, aí está! surgiu agora a hipótese de entrevistar os, os Extreme, mas isso é **uma hipótese que surge... de cinco em cinco anos**, se é que surgir!  
(PT96:MeioPequeno:1.83-4)

Em (06), o nome-núcleo (*hipótese*), que consiste em um Conteúdo Proposicional no Nível Representacional, está sendo modificado semanticamente por um Estado de Coisas (*a hipótese surge de cinco em cinco anos*), de cuja constituição também participa.

## Moldes de conteúdo tético, apresentativo e categorial

De acordo com a proposta da GDF, os moldes de conteúdo<sup>2</sup> são formulados no Nível Interpessoal, que se relaciona “aos aspectos formais de uma unidade linguística que reflete seu papel na interação entre Falante e Ouvinte” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 46). Os moldes de conteúdo são combinações específicas de funções pragmáticas que formam o núcleo do Conteúdo Comunicado. Segundo Dik (1997, p. 311), as funções pragmáticas referem-se ao modo como os constituintes se relacionam ao cenário comunicativo em que estão situados, sendo que esse cenário é entendido como a estimativa que o Falante tem sobre a informação pragmática (conjunto completo de conhecimentos, crenças, sentimentos e pré-conceitos) do Ouvinte no momento da interação. O objetivo do Falante é realizar alguma modificação na informação pragmática do Ouvinte. Para isso, produz suas expressões linguísticas de acordo com sua estimativa (que pode ser correta ou não) sobre a informação pragmática do Ouvinte, partindo da informação que ele acredita estar presente na mente do Ouvinte (informação dada) e acrescentando a informação que ele acredita não estar presente (informação nova).

---

<sup>2</sup> Essa ideia foi primordialmente apresentada pelo filósofo Franz Brentano, no século XIX, como diferentes tipos de julgamento humano: o categorial, em que primeiro se apresenta a entidade para, a seguir, se fazer uma afirmação sobre ela; e o tético, em que há o reconhecimento ou a rejeição de um determinado julgamento (SASSE, 1987, p. 511-512).

A função pragmática Tópico é designada a um Subato com a função especial de “assinalar como o Conteúdo Comunicado relaciona-se ao registro construído gradualmente no Componente Contextual”<sup>3</sup> (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 92; tradução nossa). É a necessidade de a informação tópica estar relacionada ao Componente Contextual que possibilita a existência de mais de um Subato por Conteúdo Comunicado. De maneira mais específica, o Tópico é definido por Hannay (1991, p. 141) como um mecanismo do Falante para dar tratamento especial a elementos tópicos (dados ou inferíveis), isto é, o Falante decide qual elemento será o Tópico da sentença e constrói sua comunicação a partir dele como uma informação relevante para o Ouvinte acrescentar ao tema do discurso.

Dessa forma, os Subatos Tópicos participam da progressão temática e contribuem para a coesão textual. A função pragmática de Tópico pode ser atribuída a quaisquer unidades linguísticas que estiverem disponíveis no Contexto Situacional e Discursivo e forem ativadas pelo Falante como a perspectiva sobre a qual a sentença se constrói.

A função Foco é uma estratégia do Falante de selecionar informação nova com relação ao conteúdo discursivo, que pode ocorrer tanto para (i) fornecer informações que o Falante deseja acrescentar à informação pragmática do Ouvinte, como para (ii) corrigir informação equivocada que o Ouvinte detém. Cada língua dispõe de mecanismos linguísticos específicos para marcar essa função pragmática, como a prosódia e a ordenação especial dos constituintes.

Considerando as funções pragmáticas de Tópico e Foco, Pezatti (2012) afirma que a oração independente no português dispõe de três moldes de conteúdo: (i) o tético, em que todo o Conteúdo Comunicado é focal; (ii) o categorial, em que há, pelo menos, um Subato Referencial com função Tópico; (iii) e o apresentativo, em que a entidade apresentada aparece no final da oração e recebe a função pragmática Foco. Os moldes de conteúdo da oração independente são exemplificados em (07)-(09).

(07) *eu preferi ficar na palhota* (Moç86:Chuva:1.35)

(08) a fazenda é bem grande, *tem uma casa tipo colonial* (Bra80:Fazenda:1.2)

(09) *correm sobre ela milhões de lendas.* (Bra80:Fazenda :1.97)

Em (07), o Ato Discursivo *eu preferi ficar na palhota* é categorial, pois apresenta um Subato Referencial Tópico *eu*, a partir do qual o Falante formula sua afirmação. Além de o Tópico ser o próprio Falante e estar disponível no Contexto Situacional, já foi referido anteriormente no discurso e, portanto, consiste em conhecimento compartilhado pelos interlocutores no momento da interação. Em (08), a construção apresentativa *tem uma casa tipo colonial* tem a função de apresentar um novo referente que o Falante deseja acrescentar à informação pragmática do Ouvinte. Essas construções apresentam um Subato Referencial focal (a entidade apresentada) e uma cópula suporte do tempo verbal (*ter*). Em (09), há um Ato tético, em que o Conteúdo Comunicado é pronunciado como um todo completo e informacionalmente indivisível, portanto todos os Subatos recebem a função pragmática de Foco. Isso significa que toda a informação nova, selecionada pelo Falante, é tida como essencial para ser acrescentada à informação pragmática do Ouvinte.

3 No original: “[...] signalling how the Communicated Content relates to the gradually constructed record in the Contextual Component”.



A atribuição de funções pragmáticas relaciona-se ao Contexto Discursivo, já que depende do conjunto de informações compartilhadas pelo Falante e pelo Ouvinte (JACOBS, 2001). A informação está disposta no Contexto como um conjunto de arquivos, identificados por meio de endereços (Tópicos). No molde categorial, o Falante fornece informação para ser acrescentada a um endereço já existente no Contexto; no molde apresentativo, o Falante constrói um endereço novo; e no molde tético, a informação é inserida no Contexto sem ser relacionada a nenhum endereço já existente (SMIT, 2007, p. 111).

O processo de inserção de informações no Contexto é dinâmico, já que, conforme o discurso prossegue, o contexto também muda. Cada sentença é produzida no contexto do que já foi dito até então e é acrescentada ao contexto em que outras sentenças serão produzidas (CONNOLLY, 2007). O Contexto é preenchido por Informação Situacional, relacionada às circunstâncias interacionais (os participantes, o local e o tempo da interação), e por Informação Discursiva, que é a estocagem de todas as informações formuladas e codificadas na Gramática.

### A ordem dos constituintes da oração relativa: o empacotamento da informação

A GDF propõe quatro posições absolutas para os constituintes oracionais:  $P^I$ ,  $P^2$ ,  $P^M$  e  $P^F$ , que podem ser expandidas, após preenchidas, em posições relativas:  $P^{I+n}$ ,  $P^{2+n}$ ,  $P^{M-n}$ ,  $P^{M+n}$  e  $P^{F-n}$ . A colocação dos constituintes ocorre de maneira dinâmica, iniciando-se com a colocação dos constituintes hierarquicamente mais altos e terminando com a dos constituintes configuracionais. As posições  $P^I$  e  $P^F$  são psicologicamente salientes e destinadas a constituintes com função pragmática, respectivamente, de Tópico e Foco (PEZATTI, 2012).

A oração relativa não restritiva é formulada, quase que exclusivamente, como uma sentença categorial, já que o Falante parte, na elaboração da informação, de um endereço já disponível no Contexto para o Ouvinte. Esse endereço é codificado morfosintaticamente como um pronome relativo na posição absoluta  $P^I$ , que funciona como uma estratégia coesiva de retomada do último endereço inserido no Contexto.

- (10) nós saímos da cidade de Saurimo, *que é uma cidade pequenina*, mas *onde existem, neste momento, vinte ou trinta mil desem[...], eh, desempregados*. (Ang97:GuerraAmbiente:l.57)

que <sub>Top</sub>	é	uma cidade pequenina	
$P^I$	$P^M$	$P^{M+1}$	
onde <sub>Top</sub>	existem	neste momento	vinte ou trinta mil desempregados <sub>Foc</sub>
$P^I$	$P^M$	$P^{F-1}$	$P^F$

Em (10), há duas orações relativas, introduzidas pelos pronomes relativos *que* e *onde*, respectivamente. Esses pronomes se referem anaforicamente ao núcleo ausente<sup>4</sup> *Saurimo*, já disponível no Contexto como Informação Discursiva. O pronome relativo recebe a função pragmática Tópico e sua função é levar o Ouvinte a acrescentar a informação veiculada na oração relativa a um endereço (*Saurimo*) já existente no Contexto.

4 Os núcleos ausentes, prototipicamente nomes próprios e pronomes pessoais, não têm a propriedade de designação, ou seja, são Subatos Referenciais codificados diretamente do Nível Interpessoal para o Morfosintático.

O Falante usa Atos Discursivos Subsidiários, que acrescentam informação adicional (*ser pequena e ter vinte ou trinta mil desempregados*) sobre o referente, para mostrar como Saurimo também é uma região com escassez de vegetação devido ao excesso de população que migrou para lá. O operador *mas* estabelece uma relação de contraste entre os dois Atos Subsidiários. Observe-se como a segunda oração relativa é formulada como uma sentença apresentativa, pois, além de partir de uma informação compartilhada pelos interlocutores, também insere um novo endereço no Discurso (*vinte ou trinta mil desempregados*), que recebe a função de Foco da oração.

Normalmente, a oração restritiva, como exemplo em (11), também é formulada no molde categorial, devido à presença de um Subato Referencial Tópico, representado pelo pronome relativo que se coloca no início da oração. Observe como as duas orações relativas *que é um animal* e *que tem o pêlo bicudo* contribuem para que o Ouvinte identifique adequadamente o referente pretendido dentre outros infinitos referentes possíveis. Segundo Dik (1997), o Falante não fornece nem mais nem menos informação do que é necessário para que o Ouvinte identifique o referente. Como o termo *um ouriço* insere um novo endereço no Contexto, são necessárias várias informações sobre ele (*ser um animal, ter o pêlo bicudo, ter focinho de porco*) para que o Ouvinte identifique o referente adequadamente.

- (11) há caçadores também, por exemplo, de arma branca que não caça só coelhos nem lebres, caça, por exemplo, um ouriço ***que é um animal que tem o pelo bicudo*** e tem, e focinho de porco (PT70HomensBichos:l.11)

que <sub>Top</sub>	é	um animal
que <sub>Top</sub>	tem	o pelo bicudo
p <sup>I</sup>	p <sup>M</sup>	p <sup>M+1</sup>

É muito comum, portanto, que várias orações relativas sirvam para especificar a que referente o Falante está se referindo, principalmente quando este referente é um novo endereço no Contexto. Já quando o endereço não é novo e pode ser mais facilmente identificado pelo Ouvinte, menos informação é necessária, como mostra o exemplo a seguir:

- (12) – eu, por acaso, conhecia uma rapariga ***que tinha casado com um alemão***, mas nunca mais, eh, a vi, por cá. ela abalou então (PT97-BaseMilitar:l.44)

Em (12), o Falante acrescenta um novo endereço (*uma rapariga*) na informação contextual, mas fornece apenas uma informação adicional sobre ele na oração relativa (*casou-se com um alemão*). Para o Falante, essa informação é suficiente para que o Ouvinte identifique corretamente o referente, já que é sobre o matrimônio entre os alemães que vieram trabalhar em bases militares de Beja e as portuguesas que os interlocutores estão discutindo.

As orações relativas normalmente são introduzidas pelo pronome *que*, mas também podem ser introduzidas pelos pronomes *cujo*, *onde* e *donde*, que recebem função pragmática Tópico, já que funcionam como um mecanismo coesivo de retomada do núcleo nominal expresso anteriormente no discurso, como em (13) e (14), em que, respectivamente, o pronome relativo *onde* retoma o núcleo-nominal *mulas* e o pronome *donde* se refere ao núcleo *zona*. Ambos os núcleos constituem endereços já disponíveis contextualmente e tomados como a informação tópica a partir da qual o enunciado é construído pelo Falante.

- (13) – segundo o que se diz, pelo menos pelos muilas, *onde eu andei muito pouco tempo*, não é, quer dizer, conheci um pouquinho aí, mas, diz-se que as pulseira têm um poder energético, eh, muito forte, assim para, e que dá resistência às pessoas. (Ang97:ContoTradicional:l.24)
- (14) portanto, os, os cultivares que eles vão fazer, as, os amanhos da terra vão ser adaptados à zona *donde eles são originários*. (Ang97:GuerraAmbiente:l.26-7)

É importante observar que o pronome *cujo* é ordenado dentro do Sintagma Nominal devido à sua natureza de modificador de posse de um núcleo nominal. Dessa forma, seu padrão de ordenação é a posição P<sup>I</sup> do Sintagma e não da Oração.

- (15) – nós fomos para o Fogo para fazer uma visita de estudos *cujo objectivo era ver os aspectos geomorfológicos, vulcanológicos e hidrogeológicos no terreno*. (CV95:IlhaFogo:l.24-5)

cujo <sub>Top</sub>	objectivo
P <sup>I</sup>	P <sup>M</sup>

Na relativização das posições sintáticas preposicionadas, a preposição exigida pelo predicado aparece junto com o pronome relativo, que substitui o termo argumental. Como não é possível separar a preposição e o pronome relativo, inserindo um modificador, considera-se o sintagma preposicional como um todo com função pragmática Tópico, como em (16) e (17), em que *a que* e *em que* são posicionados como um constituinte oracional único em P<sup>I</sup>, por ter a função pragmática de Tópico.

- (16) – eh, que receptividade é que você tem com a família, com a, *a que esteve ligado*, e que de uma certa maneira você tem reservas muito negativas? (Ang97:JovemGaspar:l.100)

a que <sub>Top</sub>	esteve	ligado
P <sup>I</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>M+1</sup>

- (17) – bom, quanto às meninas de rua, bom, a, o tempo *em que nós estávamos* a... ter contactos com as, com os rapazes, eh, os meninos de rua, bom, aquelas [...] eram consideradas, assim, como prostitutas, não é (Ang97:MeninosdeRuas:l.68-9)

emque <sub>Top</sub>	nós <sub>Top</sub>	estávamos
P <sup>I</sup>	P <sup>I+1</sup>	P <sup>M</sup>

A oração relativa categorial pode ser comumente constituída por Tópicos Múltiplos, quando o Falante retoma diversos endereços presentes no Contexto. Em (18), por exemplo, não só o pronome relativo com função tópica retoma o antecedente *organização*, mas também outras informações da Informação Situacional são retomadas como a perspectiva a partir da qual o Falante faz sua afirmação, ou seja, os modificadores *hoje* e *aqui numa cidade grande* e o Indivíduo *você*, já disponíveis na informação pragmática do Ouvinte, também recebem a função pragmática Tópico.

- (18) essa própria organização *que hoje, aqui numa cidade grande, você não encontra*, não é (Bra93:SurpresasFotografia:l.98-9)

que <sub>Top</sub>	hoje <sub>To</sub>	aqui	numa	cidade	você <sub>Top</sub>	não	encontra
		grande <sub>Top</sub>					
P <sup>I</sup>	P <sup>I+1</sup>	P <sup>I+2</sup>			P <sup>I+3</sup>	P <sup>I+4</sup>	P <sup>M</sup>

Dessa forma, as orações relativas restritiva e não restritiva são, predominantemente, codificadas no molde categorial, devido ao fato de partirem de, ao menos, uma informação já disponível no Contexto, codificada como pronome relativo, o qual recebe



a função pragmática Tópico. Esse fato impede que a relativa seja formulada como uma construção tética, em que não há nenhum Subato Tópico e todo o Conteúdo Comunicado é focal.

No cópuz, foram encontradas poucas orações relativas apresentativas, sendo todas não restritivas, conforme o exemplo (10); porém, também é possível que a oração restritiva seja formulada no molde apresentativo, como atestado por este exemplo retirado da internet:

- (19) Sinceramente, eu não esperava ganhar presente algum nesse dia das mães. Me surpreendi, de verdade. E foi então que minha mãe veio, com meu pequeno no colo, segurando entre as mãozinhas gorduchas uma sacola azul com o nome da loja **em que tinha um item que eu sonhava há teeeempos**: (Extraído de: <<http://maternidadeaosdezesesseis.blogspot.com.br/2013/05/meu-primeiro-dia-das-maes.html>>; acesso em: 3 jul. 2013)

Considera-se a oração relativa como uma construção apresentativa, quando sua função é apresentar um Subato Referencial no discurso, que é específico para o Falante, mas não identificável para o Ouvinte. Na relativa apresentativa, sempre há um Tópico que consiste em uma marcação do cenário espacial e que o Falante toma como ponto de partida para inserção de um novo referente no discurso. A partir do momento em que a entidade é apresentada e está disponível no Componente Contextual, pode ou não ser retomada como Tópico das sentenças posteriores. Em (20), o referente *um jardim* é retomado como Tópico na oração seguinte.

- (20) Em alguma localidade desta serra, Jesus e Seus discípulos passaram as noites da Sua última semana (Lucas 21:37), provavelmente na estância conhecida como Getsêmani (lugar de óleo ou prensa de azeite, sendo, segundo se presume, um olival) este era o lugar no monte das Oliveiras **em que havia um jardim** onde<sub>Top</sub> Jesus costumava orar (Mateus 26:36). (Extraído de: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jardim\\_das\\_Oliveiras](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jardim_das_Oliveiras)>; acesso em: 3 jul. 2013)

em que <sub>Top</sub>	havia	um jardim <sub>Foc</sub>
P <sup>I</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>F</sup>

Nas construções apresentativas, o pronome relativo com função pragmática Tópico é posicionado no domínio de P<sup>I</sup>; a cópula suporte (normalmente, os verbos *haver*, *existir* e *ter*), inserida no Nível Morfossintático, ocupa a posição medial; e a entidade nova, por ser focal, vai para o domínio final da oração.

É comum encontrar orações relativas modificando Sintagmas Nominais de orações apresentativas. Nessas construções, o objetivo da oração relativa é especificar algum aspecto do Subato inserido como referente novo no discurso. O núcleo nominal da oração principal é, normalmente, um nome genérico, como *peçoas* e *gente* em (21) e (22), específico para o Falante e não-identificável para o Ouvinte, pois a função dessas construções é apresentar ao Ouvinte a entidade designada no núcleo nominal. A oração relativa restritiva, formulada no molde categorial, modifica o núcleo e é indispensável para que o Ouvinte identifique adequadamente o referente.

- (21) há peçoas aqui na juventude **que estão interessados mesmo pela raiz da cultura cabo-verdiana**. (CV95:AsMornas:1.59-60)

há	peçoas aqui na juventude que estão interessados mesmo pela raiz da cultura cabo-verdiano <sub>Foc</sub>
P <sup>M</sup>	P <sup>F</sup>

- (22) tem gente aqui *que é mais antiga do que eu* (Bra80:ViverOutros:l.42)

tem	gente aqui que é mais antiga do que eu	<sub>Foc</sub>
P <sup>M</sup>	P <sup>F</sup>	

Em alguns casos, como (23) e (24), há apenas o Sintagma Nominal modificado pela relativa. O núcleo e a relativa constituem Ato Discursivo no Nível Interpessoal, mas não uma oração no Nível Morfossintático.

- (23) a cozinha – logo em seguida vem a cozinha – também muito grande, [uma **coisa** maravilhosa *que aqui na cidade não se vê*], que é fogão a lenha. (Bra80:Fazenda:l.9-10)

uma	coisa	maravilhosa	que aqui na cidade não se vê
P <sup>I</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>M+1</sup>	P <sup>F</sup>

- (24) então, você sai da fazenda para ficar supervisionando, [essas **coisas** assim *que absolutamente não te afectam muito*] (Bra80:Fazenda:l.85)

essas	coisas	assim	que absolutamente não te afectam muito.
P <sup>I</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>M+1</sup>	P <sup>F</sup>

Nessas construções, todo o composto Sintagma Nominal e oração relativa forma uma construção apresentativa sintética. Observe-se que, como a oração relativa é um modificador complexo, deve ser posicionada no final do Sintagma Nominal, enquanto outros modificadores, como *maravilhosa* e *assim*, são posicionados no domínio de P<sup>M</sup>.

Com relação ao padrão de ordenação da relativa discursiva, verifica-se que também é formulada prototipicamente como uma construção categorial. Além do pronome relativo, com função pragmática Tópico, posicionado em P<sup>I</sup>, há, nessas construções, um Subato Referencial Tópico que retoma um dos participantes do discurso, como em (25), em que *eu* retoma o próprio Falante no momento da enunciação.

- (25) mas o mais interessante, de toda esta festa, esta questão, *que eu vou contando*, ah! também servia para quando, enfim, eh, se matava porcos... (CV95:ColherPanela:l.29)

que <sub>conjunção</sub>	eu <sub>Top</sub>	vou contando
P <sup>I</sup>	P <sup>I+1</sup>	P <sup>M</sup>

A própria função Resgate dessas construções faz com que ela seja formulada exclusivamente no molde categorial, pois a informação veiculada já está disponível no contexto, e é totalmente compartilhada pelos interlocutores, o que significa que não há nenhum Subato focal nessas relativas discursivas.

## Considerações finais

Este artigo mostra como o Falante empacota o conteúdo da oração relativa, tendo em mente as informações já disponíveis no Contexto, visando atingir determinados objetivos comunicacionais. Defende-se que ora ele escolhe partir de informação compartilhada com o Ouvinte, ora ele acrescenta um novo referente à informação pragmática do Ouvinte. Os três tipos de oração relativa são formulados prototipicamente no molde categorial, consistindo em uma estratégia do Falante para formular sentenças a partir de endereços já disponíveis no Contexto Discursivo. Dessa forma, a relativa não restritiva acrescenta informações adicionais sobre um endereço que já está disponível na informação pragmática

do Ouvinte, enquanto a oração restritiva fornece informações para que o Ouvinte identifique o referente adequado para certo termo dentre outros possíveis. Em ambas se parte de informação discursiva disponível no Contexto e codificada como pronome relativo com função pragmática Tópico na oração. A relativa discursiva, além de partir de informação discursiva, retomada pelo pronome relativo, também parte de informação situacional disponível no Contexto, referente aos participantes do discurso. As orações relativas restritiva e não restritiva também podem ser formuladas no molde apresentativo, quando o objetivo do Falante é introduzir um novo endereço no Discurso, acrescentando-o à informação pragmática do Ouvinte e tornando-o disponível para ser retomado no decorrer da interação como Tópico. Nessas construções, o pronome relativo com função tópica refere-se a um núcleo nominal que veicula informações sobre o local onde o referente novo se localiza.

## REFERÊNCIAS

- CAMACHO, R. G. Construções relativas sob a perspectiva discursivo-funcional. In: SOUZA, E. R. (Org.). *Funcionalismo Linguístico*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 171-200. (Novas tendências teóricas, v. 1).
- CONNOLLY, J. H. Context in Functional Grammar. *Alfa*, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 11-33, 2007.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar*. Part 1: The structure of the clause. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997. (ed. KeesHengeveld)
- HANNAY, M. Pragmatic function assignment and word order variation in a functional grammar of English. *Journal of Pragmatics*, North-Holland, n. 16, p. 131-155, 1991.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- JACOBS, J. The dimensions of topic-comment. *Linguistics*, v. 39, n. 4, p. 641-681, 2001.
- PEZATTI, E. G. Ordenação de Constituintes em Construções Categorical, Tética e Apresentativa. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 28, n. 12, p. 353-385, 2012.
- SASSE, H. The thematic/categorical distinction revisited. *Linguistics*, n. 25, p. 511-580, 1987.
- SMIT, N. Information packaging in functional discourse grammar. *Alfa*, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 91-118, 2007.
- STASSI-SÉ, J. C. *Subordinação discursiva no português à luz da Gramática Discursivo-Funcional*. 2012. 194 f. Tese (Doutorado em Linguística, Área de concentração: Análise Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto. 2012.